

Schlemmer, Eliane
Mídia social em contexto de hibridismo e multimodalidade: o percurso da experiência na
formação de mestres e doutores
Revista Diálogo Educacional, vol. 15, núm. 45, mayo-agosto, 2015, pp. 399-421
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189141165003>



Mídia social em contexto de hibridismo e multimodalidade: o percurso da experiência na formação de mestres e doutores

*Social media in the hybridity and multimodality context:
the route of experience in masters and doctors formation*

*Medios sociales en el contexto de la hibridez y la
multimodalidad: la ruta de experiencia en la formación de
másteres y doctores*

Eliane Schlemmer*

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, RS, Brasil

Resumo

Este artigo se contextualiza no Grupo de Pesquisa Educação Digital (GPe-dU Unisinos/CNPq), vinculado à linha de pesquisa Educação, Desenvolvimento e Tecnologias, do Programa de

* ES: doutora em Informática na Educação, bolsista produtividade em pesquisa do CNPq, e-mail: elianes@unisinos.br

Pós-Graduação em Educação da Unisinos e parte da problemática: *Como as mídias sociais podem contribuir com o processo de formação de professores-pesquisadores em contexto de hibridismo e multimodalidade?* Seu objetivo consiste em compreender e discutir os significados construídos em relação à docência para a formação do professor-pesquisador em contexto de hibridismo e multimodalidade, quando um dos espaços disponibilizados para a prática pedagógica é uma mídia social. A pesquisa, exploratória e qualitativa, é inspirada no método cartográfico e faz uso da observação; de textos e fotografia digitais; de discursos; e de acompanhamento da experiência (trilhas). Para a análise dos dados utiliza a análise textual discursiva. Os principais resultados evidenciam que as mídias sociais podem contribuir com a formação do professor-pesquisador tanto por meio da criação de grupos no âmbito das atividades acadêmicas curriculares quanto no âmbito da prática de pesquisa e da orientação. Os dados indicam que um número significativo de sujeitos continua interagindo nos grupos, mesmo após seu término, o que contribui para que se constitua enquanto uma comunidade virtual de aprendizagem e de prática, além disso, a cada novo semestre, novos sujeitos passam a integrar essa comunidade, o que enriquece as trocas, dando origem a um processo de formação continuada.

Palavras-chave: Mídia social. Formação de professor-pesquisador. Hibridismo. Multimodalidade.

Abstract

The paper is contextualized in the Digital Education Research Group (GPe-dU Unisinos/CNPq), linked to the research line Education, Development and Technologies, in the Post-Graduate Program in Education Unisinos and part of the problem: How social media may contribute to the teacher-researchers formation process in the hybridity and multimodality context? The goal is to understand and discuss the meanings constructed in relation to teaching for the formation of teacher-researcher in the hybridity and multimodality context, when one of the spaces available for pedagogical practice is a social media. The exploratory and qualitative research is inspired by the cartographic method and makes use of the observation; digital texts and photography; speeches; experience monitoring (tracks). For data analysis uses the discursive textual analysis. The main results show that social media can contribute in teacher-researchers formation, both through the creation of groups within the curricular academic

activities, as in the context of research practice and guidance. The data indicate that a significant number of participants continue to interact in the groups, even after its end, which contributes so that it becomes as a learning and practice digital virtual community, being that each new semester, new participants become part of this community, which enriches exchanges, leading to a process of continuing education.

Keywords: Social media. Teacher-researcher formation. Hybridity. Multimodality.

Resumen

En este artículo se contextualiza en el Grupo de investigación en Educación Digital Digital (GPe-dU Unisinos/CNPq), vinculado a la línea de investigación Educación, Desarrollo y Tecnologías, del Programa de Posgrado en Educación de la Unisinos y parte del problema: ¿Cómo los medios sociales pueden contribuir con el proceso de formación de profesores investigadores en el contexto de la hibridez y la multimodalidad? Su objetivo es comprender y discutir los significados construidos en relación con la enseñanza para la formación del profesor-investigador en el contexto de la hibridez y de la multimodalidad cuando uno de los espacios disponibles para la práctica docente es un medio de comunicación social. La investigación, de carácter exploratorio y cualitativo, se inspira en el método cartográfico y hace uso de la observación; de textos y fotografía digital; discursos; y el monitoreo de la experiencia (pistas). Para el análisis de los datos se utiliza el análisis del texto discursivo. Los principales resultados muestran que los medios sociales pueden contribuir a la formación del profesor-investigador, ya sea mediante la creación de grupos dentro de las actividades académicas curriculares como dentro de la práctica de la investigación y de orientación. Los datos indican que un número significativo de sujetos aún interactuando en los grupos, incluso después de su finalización, lo que contribuye para que sea como una comunidad virtual de aprendizaje y práctica, además, cada nuevo semestre, nuevos sujetos pasan a formar parte de esta comunidad, que enriquece los intercambios, lo que lleva a un proceso de educación continua.

Palabras Clave: Mídia social. Formación de docente-investigador. La hibridez. La Multimodalidad.

Introdução

Alguma vez já aconteceu com você de estar com um *smartphone* na mão e procurar por ele, ou ainda, perguntar para outras pessoas se viram seu *smartphone*? Pois é, na atualidade, não é difícil observar que parte significativa das pessoas utiliza *smartphones* praticamente como extensão da sua mão. Há muito, esses dispositivos já não habitam as bolsas, os bolsos, etc., mas sim nos habitam. Com isso não estou querendo fazer juízo algum sobre se isso é bom ou ruim, mas sim instigar uma reflexão sobre se esses dispositivos não estariam se tornando próteses (do grego antigo *prósthesis*, que significa adição, aplicação, acessório, algo criado artificialmente para suprir a necessidade de algo que se perdeu) para nós. Mas como assim, de que necessidade estamos falando, o que poderíamos ter perdido?

Esses dispositivos, por meio de seus inúmeros aplicativos, entre eles as mídias sociais, nos fazem fazer coisas, certo? “No que você está pensando?”, “Diga o que você está fazendo”, “O que está acontecendo?”, “Escreva algo”, “Compartilhe a sua atualização”, “envie um beep”... A todo instante, esses atores não humanos (LATOUR, 2012) disputam nossa atenção, buscando capturar o que estamos pensando, o que está acontecendo, o que estamos fazendo, enfim, nos perguntam sobre algo, o que provoca em nós, atores humanos (LATOUR, 2012), determinação à ação, nos instigam a interagir.

Assim, ler, curtir, comentar, promover, publicar, compartilhar etc. começam a ganhar novos contextos e significados. Outros verbos também acabam surgindo, tais como *tweetar*, *taguear* e *upar*, além disso, podemos enviar *beeps*, *snaps*, criar *hashtags*, entre outros. Há ainda: “pessoas que talvez você conheça”, “adicone amigos”, “crie grupos”, “escreva na linha do tempo”, “conexões”, “status”, “evento cotidiano”, “público”, “fechado”, “amigos”, “amigos dos amigos”, “somente eu”, “com quem?”.

No entanto, quais são os espaços de vivência, discussão e reflexão (enquanto sujeito da aprendizagem de uma prática pedagógica

e de pesquisa que considera esse cotidiano) oportunizados no âmbito da formação de professores-pesquisadores em Educação (*stricto sensu*), considerando que esses serão os formadores das novas gerações de professores para os diferentes níveis de educação? Quais são os significados atribuídos a esses contextos, enquanto sujeito de aprendizagem e enquanto docente-pesquisador na área da Educação para esse tempo histórico e social?

Então vamos lá, “no que você está pensando?” (Figura 1).



Figura 1 - Postagem realizada pela autora no Grupo intitulado: Seminário Educação Digital - PPG em Educação UNISINOS, criado no Facebook

É a partir desse contexto, dessa problemática e dessas questões, relacionados com a constatação de que, cada vez mais, o viver e o conviver se dão num imbricamento de espaços analógicos e digitais; sendo as mídias sociais, em especial o Facebook, muito presentes entre os sujeitos participantes desta pesquisa, pela qual buscamos compreender e discutir os significados construídos em relação à docência para a formação do professor-pesquisador, quando um dos espaços disponibilizados para a prática pedagógica é uma mídia social. A seguir apresento o contexto metodológico no qual este artigo se insere.

O método cartográfico: da pesquisa à prática pedagógica

A pesquisa que dá origem a este artigo é de natureza exploratória e de abordagem qualitativa, inspirada no método cartográfico.

O método cartográfico — proposto por Deleuze e Guatarri (1995), explicitado e investigado no Brasil por Kastrup (2008) e Passos, Kastrup e Escóssia (2010), entre outros — surge como um caminho possível frente à necessidade de metodologias que possibilitem acompanhar e registrar os percursos dos sujeitos e coletividades num determinado contexto, a fim de dar conta da produção de conhecimento com base na processualidade e heterogeneidade dos movimentos provocados pelas ações possibilitadas pela experiência. Nesse sentido, as quatro variedades do método cartográfico propostas por Kastrup (2008) (o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento) sugerem caminhos possíveis para a produção de dados de pesquisa num contexto complexo e de grande variabilidade de ações. Na cartografia, o foco da análise está no percurso; assim, são tomados como dados: as produções com base nas diferentes possibilidades de inscrição dos sujeitos nos meios digitais e convencionais (produção/autoria de textos e fotografias digitais); os discursos dos sujeitos na ação; observações; e o acompanhamento nos diferentes momentos da experiência (trilhas).

Como metodologia para a análise desses dados será utilizada a análise textual discursiva (GALIAZZI; MORAES, 2011), sendo os dados interpretados a partir do referencial teórico que fundamenta a pesquisa.

O *locus* da pesquisa é composto por duas atividades curriculares vinculadas a programas de pós-graduação. Sendo os sujeitos-participantes dessa pesquisa mestrandos, doutorandos e professores, vinculados ao PPG em Administração, ao PPG em Ciências Contábeis e ao PPG em Educação da Unisinos. A seguir apresento o contexto teórico no qual este artigo se insere.

Facebook... mídia social ou rede social? Quais os significados construídos?

De acordo com Schlemmer e Lopes (2012), a constituição de redes sociais é um fenômeno anterior ao surgimento tecnológico digital e se confunde com a própria noção do que seria o social. Berger e Luckmann (2003 apud SCHLEMMER; LOPES, 2012) afirmam que o *homo sapiens* é ao mesmo tempo *homo socius*, não sendo, portanto, a bagagem biológica suficiente para que o indivíduo se constitua como ser social; é preciso viver e conviver em sociedade para que isso aconteça. Conjuntos de crenças, de valores e de saberes — alguns dos elementos constituintes do campo simbólico de uma sociedade — circulam nessa rede, de forma distribuída e fazendo com que cada indivíduo seja parte dela. E é exatamente esse movimento de “fazer parte”, de pertencimento, que nos possibilita pensar a sociedade e a própria cultura como uma rede que se constitui na interação entre seus integrantes.

Assim, a interação é o processo fundamental que possibilita o fluxo de informações e a condição de existência dessa rede. À medida que a interação diminui, diminui também a sinergia e a própria condição de existência da rede. Isso quer dizer que o fato de se seguir ou ser seguido não parece ser suficiente para determinar ou indicar a existência de uma rede social. De acordo com Lévy (1999), Castells (1999), Lemos (2002) e Franco (2011) a força desse fluxo possui relação direta com sua capacidade de se expandir, de se distribuir, de se hibridizar e de se transformar.

A fim de melhor compreender os conceitos *social* e *rede*, busco elementos na Teoria Ator-Rede (TAR), proposta por Bruno Latour (2012). O social é entendido por Latour (2012) enquanto processo de agregações, associações e reassociações entre atores humanos e atores não humanos, em que ator é entendido como qualquer pessoa, coisa, (quase) objeto, instituição que produz agência e que tenha sua participação percebida, ainda que indiretamente, na(s) rede(s). Já o conceito

de rede é compreendido na perspectiva de rizoma, como algo vivo, mutável — fluxos, circulações, alianças, movimentos de uma série de elementos animados e inanimados —, e não como entidade fixa, reduzida a um conjunto de atores. Dessa forma, no âmbito da TAR, a rede é o movimento associativo que forma o social.

Latour (2012), ao se referir ao binômio ator-rede, propõe que o ator nunca age sozinho. Ao agir ele é influenciado (constituído) pelas redes com as quais tem conexões e, ao mesmo tempo, pode representar essas redes, ou parte de seus atores, bem como influenciá-las. O ator é, ao mesmo tempo, construtor e receptor das redes. Nessa perspectiva, o social não se deve simplesmente a pessoas, mas ao que acontece pelo princípio da associação, ao que é fluido, ao que está em processo de conexão, de forma que tudo está conectado numa rede com múltiplas entradas, em movimento contínuo e aberta a novos elementos. O social então, de acordo com Latour (2012) é, antes, o que precisa ser explicado no processo de associações e reassociações.

No que se refere às mídias sociais, Schlemmer e Lopes (2012) salientam que, no senso comum, o sentido atribuído à elas tem se confundido com o sentido e o próprio conceito de rede social. Entretanto, de acordo com os autores, não é possível reduzir as redes sociais, enquanto fenômeno, às mídias sociais digitais, representadas em grande parte pelos sistemas e *websites* de relacionamento. A rede social não estaria, então, na rede digital, mas nos fluxos e movimentos provocados pelos atores em constante interação.

Assim, ao publicar, ao compartilhar, ao comentar, vou me tornando parte, tomando parte, construindo alianças, produzindo movimentos, como um dos atores humanos que vai se associando a outros atores humanos e não humanos e, assim, diferentes redes vão sendo tecidas. Dessa forma, o Facebook é compreendido, então, como uma mídia social, por meio da qual é possível constituir redes sociais.

A mídia social Facebook na constituição de espaços de convivência híbridos e multimodais

A expressão *espaço de convivência híbrido e multimodal* implica (re)significação do conceito de *espaço de convivência*, apresentado por Maturana e Varela (2002) e Maturana (1999, 2002), e sua relação com os conceitos de *híbrido e multimodal*.

Para Maturana e Varela (2002), a configuração dos espaços de convivência ocorrem no fluxo de interações dos seres humanos entre si e entre eles e o meio, o que possibilita a transformação dos seres humanos e do meio. Nesse contexto, de acordo com Varela (2005), é a *ação no mundo*, ou *atuação*, que possibilita a interpretação e o conhecimento, sendo esses resultados emergentes (no sentido de emergir), de forma que o relevante é o que nosso sentido comum julga como tal, sempre dentro de um contexto (MATURANA; VARELA, 2002, p. 89). A configuração do espaço de convivência ocorre, portanto, no viver e no conviver cotidiano que se dá na congruência dos seres humanos com o meio, de forma que sujeito e mundo emergem juntos. Assim, conhecedor e conhecido, sujeito e objeto se determinam um ao outro e surgem simultaneamente. A orientação *enativa* de Varela (2005) propõe um caminho intermediário para transcender ambos os extremos, ou seja, sujeito e objeto se definem mutuamente e são correlativos. Assim, ao mudar a natureza do meio (não mais somente analógico, mas também digital, ou ainda híbrido) há alterações na configuração do espaço.

Por híbrido se entende a mistura entre diferentes elementos, que resultam num novo elemento composto dos anteriores. No contexto deste artigo, o híbrido é compreendido a partir de Latour (1994) enquanto constituído por múltiplas matrizes, por misturas de natureza e cultura, portanto, não comporta a separação entre cultura/natureza, humano/não humano etc. Híbridas são as ações e interações entre atores humanos

e não humanos, em espaços e culturas analógicas e digitais, constituindo-se em fenômenos indissociáveis, redes que interligam naturezas, técnicas e culturas. Para o autor, enquanto não superarmos a distinção cultura/natureza, humano/não humano, ou seja, enquanto mantivermos a distinção ontológica, nossas atividades serão uma contínua construção de problemas e situações interpretadas como possuindo natureza científica, política, social, econômica, ideológica etc., ou seja, uma visão de mundo compartimentada, dicotômica e excludente.

Por multimodal entende-se as distintas modalidades educacionais imbricadas, ou seja, modalidade presencial, modalidade *online*, incluindo: *electronic learning (e-learning)*, *mobile learning (m-learning)*, *pervasive learning (p-learning)*, *ubíquos learning (u-learning)*, *immersive learning (i-learning)*, *gamification learning (g-learning)*, *game based learning (GBL)*.

Assim, o conceito *Espaço de Convivência Híbrido e Multimodal* (ECOHIM) é resultado de uma construção técnica e teórica vinculada às pesquisas desenvolvidas desde 1998 no contexto do Grupo de Pesquisa em Educação Digital (GPe-dU Unisinos/CNPq). Um ECOHIM compreende:

- diferentes tecnologias analógicas e digitais integradas, de forma que juntas favoreçam distintas formas de comunicação e interação (textual, oral, gráfica e gestual) na coexistência e no imbricamento dos mundos presenciais e virtuais;
- fluxo de comunicação e interação entre os sujeitos presentes nesse espaço;
- fluxo de interação entre os sujeitos e o meio, ou seja, o próprio espaço híbrido;
- um contexto multimodal (integrando a modalidade presencial e a modalidade *online* — que pode incluir *e-learning*, *m-learning*, *p-learning*, *u-learning*, *i-learning*, *g-learning* e *GBL*).

Um ECHIM pressupõe, fundamentalmente, um tipo de ação e interação que possibilite aos habitantes e *e-habitantes* desse espaço-sujeitos

(considerando sua ontogenia) configurá-lo de forma colaborativa e cooperativa, por meio de seu viver e conviver.

É nesse contexto de ECHIM que se inserem os grupos criados no Facebook: “Seminário Educação Digital” e “Ensino e Aprendizagem em Gestão com o uso de TIC – PPG Admini/PPG Contábeis”, os quais compõe a experiência que serão apresentados a seguir.

O percurso da experiência com a mídia social Facebook: a formação do professor-pesquisador (*stricto sensu*) em contexto de hibridismo e multimodalidade

O grupo Ensino e Aprendizagem em Gestão com o Uso de TIC¹ – PPGAdmin/PPGContábeis é vinculado a disciplina Ensino e Aprendizagem em Gestão com o Uso de TIC, ofertada na modalidade presencial, em nível de mestrado, pelo Programa de Pós-Graduação em Administração. A disciplina tem duração de 45h e aborda as concepções epistemológicas e pedagógicas que fundamentam os processos de ensino e de aprendizagem em gestão. Discute o planejamento desses processos, as diferentes modalidades educacionais e estratégias que podem ser adotadas, bem como as TIC que podem ser utilizadas como suporte a esses processos. Trata-se de um grupo fechado², criado em março de 2013, inicialmente com 22 membros, e atualmente composto por 41 membros, incluindo dois professores-pesquisadores, um vinculado ao PPG em Administração e outro vinculado ao PPG em Educação. A proposta metodológica da atividade envolve a metodologia de projetos de aprendizagem baseado em problemas, adaptada ao ensino superior (SCHLEMMER, 1999, 2001, 2002, 2005; TREIN; SCHLEMMER, 2009). A avaliação é da aprendizagem, sendo, portanto contínua e processual, priorizando a

¹ Tecnologias da Informação e Comunicação.

² Um grupo fechado no Facebook é aquele em que qualquer pessoa pode encontrar o grupo e ver quem está nele, mas somente membros podem ver as publicações.

compreensão e o caráter formativo. As sucessivas produções de cada sujeito são acompanhadas/avaliadas em termos de qualidade crescente.

O grupo “Seminário Educação Digital – PPG em Educação Unisinos” é vinculado ao “Seminário em Educação Digital”, ofertado na modalidade presencial, em nível de mestrado e doutorado, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação. O seminário tem duração de 30h e se institui como um espaço de ação e interação para o desenvolvimento da autonomia e da autoria, na perspectiva do hibridismo e da multimodaldade, perpassadas por processos de análise, reflexão, discussão e sistematização dos processos educacionais formais e não formais no contexto da Educação Digital. Trata-se de um grupo fechado, criado em março de 2012, e atualmente composto por 25 membros, incluindo dois professores-pesquisadores vinculados ao PPG em Educação.

A proposta metodológica do seminário é inspirada no método cartográfico de pesquisa enquanto prática pedagógica, associado à metodologia de projetos de aprendizagem baseados em problemas, adaptada ao ensino superior (SCHLEMMER, 1999, 2001, 2002, 2005; TREIN; SCHLEMMER, 2009), esta, por sua vez, vinculada aos conceitos de *Flipped Classroom*³ e BYOD⁴, na perspectiva da construção de espaços de convivência híbridos e multimodais. A metodologia prevê ainda a participação de outros especialistas, de acordo com a temática abordada, desafios e o desenvolvimento de projetos de aprendizagem.

³ Ou sala de aula invertida, é a denominação dada ao método que inverte a lógica da organização da sala de aula. Nesse contexto, os estudantes acessam a informação (que podem estar disponibilizadas em diferentes meios e em várias linguagens), sendo a sala de aula o espaço para discussão, desenvolvimento de atividades em grupo, tais como resolução de problemas, projetos de aprendizagem, dentre outras metodologias dialógicas e problematizadoras.

⁴ Bring Your Own Devices (BYOD) — traga seu próprio dispositivo — é uma tendência oriunda do mundo mobile e, no campo da educação, propõe dar liberdade para que os estudantes possam trazer e usar seus próprios dispositivos móveis no contexto educacional.

A avaliação é da aprendizagem, sendo, portanto, contínua e processual, priorizando a compreensão e o caráter formativo. As sucessivas produções de cada sujeito são acompanhadas/avaliadas em termos de qualidade crescente.

Além desses grupos há também o “Grupo de Pesquisa Educação Digital – GPe-dU Unisinos/CNPq”⁵, atualmente com 109 membros, e o grupo “Orientandos Eliane Schlemmer – GPe-dU Unisinos/CNPq (TCC, Ms. e Dr.)”⁶, atualmente com 21 membros.

A seguir é detalhado o percurso da experiência desenvolvida no segundo semestre de 2014 no contexto do grupo “Seminário Educação Digital – PPG em Educação Unisinos”.

O seminário Educação Digital, vinculado ao PPG em Educação da Unisinos, iniciou com 12 participantes⁷. Antecedendo o primeiro encontro, foi enviado um *e-mail* para os participantes, com o objetivo de convidá-los a integrar o grupo anteriormente criado no Facebook, para que, dessa forma, pudessem conhecer os demais membros do grupo (participantes em outros semestres), bem como as discussões e projetos já desenvolvidos. Logo ao entrar no grupo, o sujeito recebia a seguinte informação:

⁵ Grupo criado para interação entre os integrantes do GPe-dU: estudantes de graduação, mestrando, doutorando, professores de diferentes níveis de ensino e professores-pesquisadores.

⁶ Grupo criado para orientação de TCCs, dissertações de Mestrado e teses de doutorado.

⁷ Três doutorando do PPG em Administração, quatro mestrando e cinco doutorando do PPG em Educação.

Bem vinda(o)!

Convido você para darmos início a nossa jornada compartilhada pelo Seminário em Educação Digital e, como seremos parceiros de viagem, no desbravamento das várias trilhas que irão compor essa jornada, precisamos nos conhecer melhor. Assim, gostaria que você criasse um post que melhor te identifique e que diga também que trilhas gostaria de desbravar em relação à Educação Digital (o post pode ser feito em forma de texto, imagens, vídeo, áudio, QRCode, entre outros, ou seja, solte a imaginação). Diferentes dispositivos e tecnologias digitais serão o nosso meio de transporte para a jornada e o Programa, o nosso mapa inicial, que irá se constituindo e tomando novas formas durante o percurso. Você precisará criar um Diário de Viagem, no qual registrará as trilhas que irá percorrer, os lugares-conceitos que irá conhecer, bem como a sua compreensão sobre as conversas e reflexões que iremos realizar ao percorrermos juntos as trilhas dessa jornada (lembre-se não estamos sozinhos!). Ao percorrer as trilhas no meio digital, é importante que deixemos “rastros” – formas de registro e compartilhamento/socialização de nossa caminhada e aprendizagem para que possamos ajudar os demais. Durante a nossa jornada, vamos construir espaços de ação e de interação para o desenvolvimento da autonomia e da autoria, na perspectiva do hibridismo e da multimodalidade, perpassadas por processos de análise, reflexão, discussão e sistematização em relação aos processos educacionais formais e não formais no contexto da Educação Digital.

Espero que tenhamos todos uma boa jornada pelo Mundo da Educação Digital!

Abs e até mais!

**Eliane Schlemmer
(Violet Ladybird)**

Embora o processo já estivesse acontecendo, o *primeiro encontro* oficial do seminário ocorreu na modalidade *online*, por meio do Hangout (até então, já havia 32 postagens referentes à temática do seminário realizadas no grupo) os sujeitos falaram sobre si, complementando a apresentação realizada no grupo; sobre seus interesses e curiosidades; discutiram o programa inicial do seminário (postado no grupo), sugeriram ajustes e realizaram combinações sobre o seu desenvolvimento. Durante a semana, foram disponibilizados 3 textos, sendo um o relatório do grupo de trabalho Institute-Wide Task Force on the Future of MIT Education⁸, criado para pensar o futuro do instituto e orientar mudanças pedagógicas alinhadas com as novas demandas da educação. Durante a semana, um dos sujeitos iniciou a criação de uma *wiki*⁹, a fim de aprofundar os conceitos (Figura 2). O processo de interação continuou e, até o segundo encontro, somaram-se mais 65 postagens.



Figura 2 - Rede das Trilhas do Seminário Educação Digital

⁸ Disponível em: <<http://future.mit.edu/>>.

⁹ Criada no PBworks. Disponível em: <<http://seminariodeeducaodigital.pbworks.com/w/page/83924551/Semin%CArio%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Digital>>.

O segundo encontro ocorreu na modalidade presencial, no laboratório de informática. Nesse momento, cada participante criou seu The Museum of Me¹⁰ e deu-se início à construção de um Prezi colaborativo sobre a Rede das Trilhas de Ação e Interação Individuais (Figura 2). O processo de interação continuou e, até o terceiro encontro, somaram-se mais 78 postagens.

O terceiro encontro ocorreu na modalidade presencial, no laboratório de informática. Nesse encontro, foi dada continuidade à Rede das Trilhas, buscando-se identificar os conceitos relacionados à educação na cultura digital que estavam presentes nas trilhas individuais, bem como a interseção entre eles, observando os que convergiam para que fosse possível desencadear o desenvolvimento dos projetos de aprendizagem. Também foram criados e personalizados os avatares no Second Life. O processo de interação continuou e, até o quarto encontro, somaram-se mais 83 postagens.

O quarto encontro ocorreu na modalidade presencial, no laboratório de informática. Nesse encontro, alguns sujeitos apresentaram suas trilhas, bem como a inter-relação entre os conceitos. Durante a semana, um dos sujeitos iniciou a criação de um mapa conceitual¹¹, a fim de facilitar a identificação da relação entre os conceitos. O processo de interação continuou e, até o quinto encontro, somaram-se mais 60 postagens.

O quinto encontro ocorreu na modalidade presencial, na área verde do campus, utilizando dispositivos móveis (*tablets*). Nesse encontro, discutiu-se o concept dos projetos de aprendizagem, relacionando-os com os documentos do *Horizon Report* 2012, 2013 e 2014. O processo de interação continuou e, até o sexto encontro, somaram-se mais 23 postagens.

¹⁰ Um museu virtual personalizável com as informações de usuários do Facebook, no qual o sujeito cria seu próprio vídeo sobre sua vida social na mídia social. Disponível em: <<http://www.intel.com/museumofme/r/index.htm>>.

¹¹ Criada no MindMap. Disponível em: <<https://www.text2mindmap.com/fP9Hbm?controller=frontpage&method=index&map=fP9Hbm>>.

O sexto encontro ocorreu na modalidade presencial, no laboratório de informática. Nesse encontro, deu-se continuidade à apresentação das trilhas pelos sujeitos, buscando a inter-relação entre os conceitos. Depois disso, foi dado um tempo para combinações nos grupos dos projetos de aprendizagem. O processo de interação continuou e, até o momento, somaram-se mais 10 postagens.

Durante essas seis semanas, as postagens realizadas continuavam a fornecer pistas sobre interesses, curiosidades, dúvidas e certezas (ainda que provisórias) em relação às vivências e sentimentos referentes a elas. A cada encontro, a partir dos conceitos presentes nas postagens, eram disponibilizados textos, a fim de subsidiar as discussões que estavam sendo realizadas. Do quarto encontro em diante, foi possível observar uma diminuição nas postagens realizadas no grupo do Facebook, o que se deve ao envolvimento maior dos sujeitos com a continuidade da construção da Rede das Trilhas (Prezi), aprofundamento dos conceitos na *wiki* (PBworks) e relacionamento entre os conceitos no mapa conceitual (MindMap), bem como o envolvimento com a construção dos projetos de aprendizagem.

Mas o que foi possível aprender no percurso dessa experiência até o momento? Considerações finais

Retomando o problema que dá origem a esse artigo: *Como as mídias sociais podem contribuir com o processo de formação de professores-pesquisadores em contexto de hibridismo e multimodalidade?* Do qual derivam as seguintes questões: *Que práticas pedagógicas podem ser desenvolvidas? Como se dá o processo de mediação pedagógica nesse contexto?* É possível dizer que, no que se refere às práticas e à mediação pedagógica, o que se observa é a configuração de práticas e processos de mediação pedagógica descentralizadas, dialogicas e fluidas, que têm origem num diálogo inicial em que surgem interesses e curiosidades, dúvidas e certezas (ainda que provisórias) em relação a suas vivências e sentimentos, e

vão se constituindo a partir dos percursos trilhados pelos diferentes sujeitos, resultantes da ação e da interação que se faz a todo o momento, provocando o desenvolvimento da autonomia, da autoria e da coautoria, da colaboração e da cooperação, de modo que, em diferentes momentos, todos são comediantes do processo formativo dos demais. É possível observar, ainda, que a natureza dos materiais postados, bem como os interesses de pesquisa e profissionais de cada um dos sujeitos, deram origem à formação de pequenos *clusters*, o que possibilita um nível interno maior de interação, aprofundamento da discussão e construção teórica. Isso acaba fornecendo pistas sobre as diferentes trilhas percorridas pelo professor-pesquisador em formação, o que nos instiga a pensar que o método cartográfico de pesquisa pode ser pensado também enquanto prática pedagógica. Além disso, provavelmente o fato de estar num contexto de hibridismo e multimodalidade contribua significativamente para a constituição de um Espaço de Convivência, no qual as diferenças sejam valorizadas e o outro seja reconhecido como legítimo na interação, portanto, alguém com quem se pode aprender.

No que se refere à contribuição das mídias sociais no processo de formação de professores-pesquisadores em contexto de hibridismo e multimodalidade, no caso deste artigo, especificamente o Facebook, é possível dizer que, num primeiro momento, observou-se que as ações dos sujeitos estavam mais relacionadas a postar ou, ainda, compartilhar algo que haviam lido em outros espaços e entendido como relacionado ao contexto do seminários, no entanto, sem um comentário reflexivo que evidenciasse os sentidos atribuídos a essa informação, relacionando-a com o desenvolvimento do seminário. Essa ação, quase que mecânica, de postar e compartilhar, muitas vezes até sem ler (comum no âmbito das diferentes mídias sociais), leva também a um “curtir” e, muitas vezes, a sucessivos compartilhamentos, sem, no entanto, um comentário, o que possibilitaria compreender os diferentes sentidos atribuídos pelos sujeitos àquela informação, o que consequentemente poderia também provocar uma ampliação dos processos de interação e um adensamento teórico da discussão. Nesse contexto, revelaram-se sujeitos cujo perfil predominante era

somente o de postar e compartilhar, outros o de somente curtir e compartilhar e um número muito pequeno o de comentar, buscando evidenciar os sentidos atribuídos à informação. Assim, operou-se da seguinte forma: foi criado um Prezi colaborativo, denominado Trilhas do Seminário em Educação Digital, cuja proposta consistia em cada um dos sujeitos olhar para suas postagens no grupo e mapear o que estava acontecendo em seu processo, semana a semana, de forma que fosse possível evidenciar o percurso, a trilha que estava sendo construída. Essa ação gerou uma discussão a respeito da dinâmica das interações no grupo, bem como favoreceu a reflexão e, portanto, a tomada de consciência dos sujeitos sobre seu próprio processo, colocando-os no controle da situação. Permitiu, ainda, observar as interseções entre as diferentes trilhas individuais, bem como a identificação de conceitos que eram comuns em diferentes trilhas, o que oportunizou a eles conhecer pontos de interesse comum, que deram origem à constituição de *clusters* para o desenvolvimento de projetos de aprendizagem. Nesse processo, um dos sujeitos sugeriu a criação de uma *wiki*, a fim de ter um espaço comum para aprofundar os conceitos principais, e outro sugeriu a criação de um mapa conceitual colaborativo, a fim de melhor compreender como os diferentes colegas estavam estabelecendo as relações entre os conceitos. Naquele momento, o grupo estava estruturando seus projetos de aprendizagem, que poderiam fazer uso de diferentes tecnologias (análogicas e digitais) e modalidades. Dessa forma, o que teve início no Facebook se ampliou para outros contextos, de forma que um Espaço de Convivência Híbrido e Multimodal foi se constituindo, o que pode ser evidenciado no momento em que:

- diferentes tecnologias analógicas e digitais (Facebook, Prezi, PBWokds, MindMap, YouTube, Google Hangout, Second Life, entre outros) foram integradas, favorecendo distintas formas de comunicação e interação, na coexistência e no imbricamento dos mundos presenciais-físicos e digitais-virtuais;
- foi possível não só observar, mas discutir sobre: 1) o fluxo de comunicação e interação entre os sujeitos presentes nesse espaço;

2) o fluxo de interação entre os sujeitos e o meio, ou seja, o próprio espaço híbrido, num contexto que é multimodal, pois integra modalidade presencial (encontros presenciais-físicos — sala de aula, espaços abertos no *campus*, biblioteca) modalidade *online* (incluindo, até o momento, *e-learning*, *m-learning*, *p-learning* e *i-learning*).

Dessa forma, ocorreu um tipo de ação e interação que possibilitou aos habitantes e e-habitantes desses espaços-sujeitos (considerando sua ontogenia), configurá-lo de forma colaborativa e cooperativa, por meio do seu viver e do conviver.

A hipótese é a de que, nesse processo de configuração de ECHIM, seja possível encontrar elementos que nos permitam construir novas metodologias e práticas pedagógicas no contexto do ensino superior.

Além disso, é possível dizer, a partir do que foi exposto, que o Facebook, enquanto mídia social, pode contribuir significativamente com o processo de formação de professores-pesquisadores, principalmente por estar presente no cotidiano desses sujeitos, portanto, algo que lhes é familiar. Os dados indicam, ainda, que um número significativo de sujeitos continua interagindo nos grupos vinculados a atividades acadêmico-curriculares, mesmo após seu término, o que contribui para que esse grupo se transforme numa Comunidade Digital Virtual de Aprendizagem e de Prática (CDVAP)¹², sendo que a cada novo semestre, novos sujeitos

¹² De acordo com Schlemmer (2012) e Schlemmer, Malizia, Backes e Moretti (2012), uma CDVAP se constitui pelo compartilhamento de práticas e pelo estudo e discussão de temas de interesse comuns aos membros da comunidade, sendo as regras e as normas de funcionamento definidas por meio de negociação no grupo. Assim, os sujeitos que agem e interagem em CDVAP podem tornar-se mais comprometidos e responsáveis pela própria aprendizagem, sentir-se mais engajados para contribuir com a aprendizagem dos seus colegas, o que possibilita estabelecer e fortalecer laços afetivos, além de propiciar o desenvolvimento de processos de colaboração e de cooperação. Conforme apresenta Lévy (1999), provavelmente será por meio da formação de comunidades digitais virtuais que atingiremos o nível da inteligência coletiva.

passam a fazer parte desses grupos, o que enriquece as trocas, dando origem a um processo de formação continuada.

Assim, retomando o objetivo de compreender e discutir os significados construídos em relação à docência para a formação do professor-pesquisador, quando um dos espaços disponibilizados para a prática pedagógica é uma mídia social, é possível dizer que é justamente a vivência de uma prática pedagógica, bem como de um processo de mediação e (co)mediação pedagógica numa mídia social, nesse caso o Facebook, o que possibilita atribuir sentidos, portanto, significar, compreender a contribuição das mídias sociais no processo de formação de professores-pesquisadores em contexto de hibridismo e multimodalidade, é isso que possibilita falar “por dentro”, com propriedade e autoridade construídas no processo vivenciado, fundamentado teoricamente.

Concluo, afirmando a necessidade de que nós, enquanto professores-pesquisadores de programas de pós-graduação em Educação, fazemos questionamentos constantes sobre quais são os espaços de vivência, discussão e reflexão (enquanto sujeito da aprendizagem de uma prática pedagógica e de pesquisa que considera esse cotidiano) oportunizados no âmbito da formação de professores-pesquisadores em Educação (*stricto sensu*), considerando que esses serão os formadores das novas gerações de professores para os diferentes níveis de educação, bem como sobre quais são os significados atribuídos a esses contextos, enquanto sujeitos de aprendizagem e enquanto docentes-pesquisadores na área da Educação para esse tempo histórico e social.

Referências

- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Rizoma. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1. p. 11-38.

- FRANCO, A. *A rede*. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://net-hcw.ning.com/page/a-rede>>. Acesso em: 10 jun. 2012.
- GALIAZZI, M. C.; MORAES, R. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.
- KASTRUP, V. O método cartográfico e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, L.R.; BESSSET, V. (Org.). *Pesquisa-intervenção na infância e adolescência*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2008.
- LATOUR, B. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. São Paulo: Edusc, 2012.
- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- MATURANA, H. R. *Transformación en la convivencia*. Santiago de Chile: Dólmen Ediciones, 1999.
- MATURANA, H. R. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. G. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2002
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- SCHLEMMER, E.; LOPES, D. Q. Redes sociais digitais, socialidade e MDV3d: uma perspectiva da tecnologia-conceito ECODI para a educação online. In: LUPION, P. T.; WAGNER, P. R. (Org.). *Redes sociais e educação: desafios contemporâneos*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012. v. 1. p. 1-15.
- SCHLEMMER, E. O trabalho por projetos em educação a distância: uma parceria. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 6., 1999, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ABED, 1999. p. 1-12

SCHLEMMER, E. Projetos de aprendizagem baseados em problemas: uma metodologia interacionista/construtivista para formação de comunidades em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. *Colabor@*, v. 1, n. 2, p. 10-19, 2001.

SCHLEMMER, E. AVA: um ambiente de convivência interacionista sistêmico para comunidades virtuais na cultura da aprendizagem. 2002. 370 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SCHLEMMER, E. A aprendizagem com o uso das tecnologias digitais: viver e convidar na virtualidade. *Série-Estudos*, n. 19, p. 103-126, jan./jun. 2005.

SCHLEMMER, E. A aprendizagem por meio de comunidades virtuais na prática. In. LITTO, F. M.; FORMIGA, M. Educação a distância: o estado da arte, v. 2. São Paulo: Pearson Educational do Brasil, 2012. 443 p.

SCHLEMMER, E.; MALIZIA, P.; BACKES, L.; MORETTI, G. Comunidades de Aprendizagem e de Prática em Metaverso. São Paulo: Cortez, 2012. v. 1.

TREIN, D.; SCHLEMMER, E. Projetos de aprendizagem baseados em problema no contexto da web 2.0: possibilidades para a prática pedagógica. *Revista E-Curriculum*, v. 4, n. 2, jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/3225/2147>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

VARELA, F. J. La enacción: una alternativa ante la representación. In: VARELA, F. J. *Conocer. Las Ciencias Cognitivas: tendencias y perspectivas. Cartografía de las ideas actuales*. 4. ed. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

Recebido: 27/09/2014

Received: 09/27/2014

Aprovado: 28/11/2014

Approved: 11/28/2014